



MEDIEVALISTA

N.º 34 | Julho – Dezembro 2023

ISSN 1646-740X

“φίλος τε καὶ ξύμμαχος”: Reflexões sobre a troca de cartas entre Justiniano e Gelimero em Procópio de Cesareia

“φίλος τε καὶ ξύμμαχος”: Reflections on the exchange of letters between Justinian and Gelimer in Procopius of Caesarea

Geraldo Rosolen Junior

Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, Campus Guarulhos
07252-312 Guarulhos, Brasil

grosolen.junior@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4883-7550>

Data recepção do artigo / Received for publication: 17 de Outubro de 2022

Data aceitação do artigo / Accepted in revised form: 3 de Abril de 2023

DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.6986>

RESUMO

Os termos gregos que aparecem no título deste artigo: “*φίλος τε καὶ ξύμμαχος*” são uma tradução de Procópio de Cesareia a partir dos termos latinos: “*socius et amicus*”, cujo objetivo era demonstrar que, através desses títulos atribuídos aos reis bárbaros, tais reis estariam submetidos ao poder romano, e que as relações diplomáticas entre os reinos bárbaros e o Império Romano haviam sido pacíficas devido à concessão de um direito legal atribuído, nesse caso, aos vândalos, a fim de possuírem e ocuparem os territórios romanos na África. Essa estratégia em apresentar os vândalos enquanto submissos ao poder imperial tinha como objetivo propagar a idealização de que o Império Romano não havia perdido territórios na *Pars Occidentalis*. Essas relações diplomáticas são exploradas neste artigo através da troca de cartas do imperador Justiniano e do rei vândalo Gelimero, que percebemos não reconhecer essa submissão ao poder romano, inclusive destronando seu primo Hilderico por considerá-lo muito próximo, não apenas dos imperadores no Oriente, mas também de tradições e heranças romanas. Assim, nosso objetivo é compreender como as cartas de Gelimero e Justiniano apresentam as relações diplomáticas entre esses povos, e inclusive nos ajudar a entender a crescente hostilidade, que culminou em guerra.

Palavras-chave: Procópio de Cesareia; Reino Vândalo; Império Romano do Oriente; Mediterrâneo medieval; Justiniano.

ABSTRACT

The Greek terms that appear in the title of this article: “*φίλος τε καὶ ξύμμαχος*” are a translation of Procopius of Caesarea from the Latin words: “*socius et amicus*” whose objective was to demonstrate that, through these titles attributed to the barbarian kings, such kings would submit to the Roman power and that the diplomatic relations between the barbarian kingdoms and the Roman Empire had been peaceful due to the concession of a legal right attributed, in this case, to the Vandals to possess and occupy Roman territories in Africa. This strategy of placing the Vandals as submissive of the imperial power aimed to demonstrate that the Roman Empire had not lost its territories in the *Pars Occidentalis*. These diplomatic relations are explored in this article through the letters of Emperor Justinian to the Vandal king Gelimer who wouldn't recognize this submission to Roman power, going so far as to dethrone his cousin Hilderic for considering him very close not only to the emperors in the East, but also of Roman traditions and heritages. Thus, our objective is to understand how the letters of Gelimer and Justinian present the diplomatic relations between these peoples and even help us to understand the growing hostility that culminated in war.

Keywords: Procopius of Caesarea; Vandal Kingdom; Eastern Roman Empire; Medieval Mediterranean; Justinian.



A troca de cartas: um presságio para a guerra¹

Neste artigo analisaremos a troca de cartas entre o imperador Justiniano e o rei vândalo Gelimero no período que antecede a chegada dos exércitos de Belisário na África. Essas cartas são raros exemplos preservados, onde os vândalos são autorrepresentados por seu rei Gelimero, elementos estes que nos ajudam a interpretar como os vândalos compreendiam seu passado, através do recorrente uso da memória do rei Genserico, e também sobre como eles avaliaram as hostilidades de Justiniano e a campanha de Belisário à África Vândala.

Inicialmente, é preciso considerar que encontramos um verdadeiro contraste entre a riqueza da produção acadêmica mais generalista sobre a obra de Procópio e o tratamento dado a certos pontos específicos. Um exemplo disso são as trocas de cartas presentes na *História das Guerras*, particularmente nos Livros III e IV das Guerras Vândalas, nos quais podemos encontrar: 3 cartas de Justiniano, 1 carta de Gelimero e 1 carta de Goda (governante vândalo da Sardenha).

É necessário enfatizar que essas cartas poderiam estar facilmente acessíveis a Procópio através das bibliotecas e arquivos de Constantinopla, que as mantiveram preservadas como registros diplomáticos dos imperadores com os reis bárbaros².

¹ Com o objetivo de manter uma coesão linguística todas as citações deste artigo foram traduzidas pelo autor. Nas cartas aqui traduzidas, será indicado o nome do autor a quem Procópio atribui a carta citada seguido de *apud* e das respectivas referências. Isso, contudo, não objetiva suprimir a autoria de Procópio e transmiti-las aos personagens, mas antes, é apenas um recurso para orientar o leitor.

² WEHMEYER, Jeffrey M. – “The Chartophylax: Archivist and Librarian to the Patriarch in Constantinople”. *Libraries & Culture*, 32, 1 (1997), pp. 107-112; COLVIN, Ian – “Reporting Battles and Understanding Campaigns in Procopius and Agathias: Classicizing Historians' Use of Archived Documents as Sources”. In SARANTIS, Alexander; CHRISTIE, Neil (eds.) – *War and Warfare in Late Antiquity*. Leiden; Boston: Brill, 2013, pp. 571-597; NEDELCU, Silviu-Constantin – “The Libraries in the Byzantine Empire (330-1453)”. *Annals of the University of Craiova for Journalism, Communication and Management*, 2 (2016), pp. 74-92.

A partir das discussões apresentadas por Ian Colvin³, Dariusz Brodka⁴ e em menor grau por Anthony Kaldellis⁵, tentaremos avaliar o quanto essas cartas registradas na obra de Procópio são essenciais para compreender o contexto histórico, as relações que haviam sido estabelecidas entre o Reino Vândalo e Império Romano através de políticas e tratados, ou por meio de laços sanguíneos que ligavam a aristocracia vândala à linhagem teodosiana; mas também, como a memória do rei vândalo Genserico havia sido interpretada e recorrentemente utilizada no período que se estende de 530 a 533.

Para Colvin, a narrativa de Procópio segue padrões clássicos bastante rígidos, como o registro do testemunho ocular, e uma escrita que deveria ser atestada e comprovada não apenas pelas palavras do autor. Procópio também utilizou registros, documentos e cartas oficiais que eram transmitidas entre Constantinopla e a frente de batalha. Logo, o seu cargo de conselheiro de Belisário havia sido utilizado para ter acesso a esses documentos presentes nos arquivos e bibliotecas do Império Romano em Constantinopla⁶.

Para Brodka, Procópio havia utilizado uma extensa e complexa rede de informações, com informantes em diferentes níveis do exército imperial, que eram compostos principalmente de *Bucellarii* (comandantes militares) e *Doryphora* (membros da guarda pessoal dos generais), mas que também envolviam membros não-romanos como Sinnion (comandante huno) e Ortajas (comandante mouro), na tentativa de buscar um retrato complexo que envolvia relatos de batalhas, eventos, e até uma tentativa de compreender os posicionamentos assumidos pelas populações locais, nos revelando uma extensa e complexa circulação de informações, e rede de contatos mantida pelo escritor.

³ COLVIN, Ian – “Reporting Battles and Understanding Campaigns in Procopius and Agathias: Classicizing Historians’ Use of Archived Documents as Sources”. In SARANTIS, Alexander; CHRISTIE, Neil (eds.) – *War and Warfare in Late Antiquity*. Leiden; Boston: Brill, 2013, pp. 571-597.

⁴ BRODKA, Dariusz – “Prokop von Kaisareia und seine Informanten: Ein Identifikationsversuch”. *Historia* 65 (2016), pp. 108-124.

⁵ KALDELLIS, Anthony – *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

⁶ COLVIN, Ian – “Reporting Battles”, p. 595.

Procópio foi um dos pioneiros na utilização de relatórios oficiais, cartas e discursos que eram mantidos nos arquivos de Constantinopla como recurso para dar credibilidade à narrativa. Essa prática parece ter se tornado bastante popular após sua utilização na *História das Guerras*, já que podemos encontrar a mesma característica narrativa e metódica em Agátias, Teofilacto, Malalas e Teófanos⁷.

De acordo com Colvin, a escrita metódica de Procópio permite que possamos avaliar algumas características como uma organização capitular ano a ano, cujo objetivo era demonstrar como os eventos presentes são impactados por eventos anteriores (antecedentes). Dessa forma, Procópio estabelece um parâmetro nas causalidades que levaram ao evento descrito na obra (a guerra entre vândalos e romanos).

Deste modo, pensar o passado para Procópio é registrar as causalidades e as motivações do presente. Portanto, avaliar a representação⁸ de Genserico nos discursos seria importante, pois demonstra como Gelimero balizou a imagem de rei vândalo, e também pode nos ajudar a obter um panorama sobre como os romanos, e mesmo Procópio, compreendiam o rei vândalo.

⁷ COLVIN, Ian – “Reporting Battles”.

⁸ Roger Chartier compreende o conceito de representação como sendo a forma de um autor ou artista reproduzir pessoas e objetos através de sua obra, com o objetivo de estabelecer critérios de proximidade com a realidade demonstrada. Isto é, o autor mantém o ideal pela busca da realidade, no entanto, consciente ou não, transmite suas próprias experiências sociais, políticas e culturais aos seus personagens. A representação também pode ser compreendida como uma demonstração de um indivíduo ou objeto que é constituída a partir dos relatos de outrem. Dessa forma, é o registro escrito ou artístico que transforma o real em palavras, e atribui aos indivíduos descritos aspectos e qualidades que constituem “uma relação decifrável entre o signo visível e o que ele representa” (CHARTIER, Roger – “Defesa e ilustração da noção de representação”, *Fronteiras*, 13:24 (2011), p. 17). Chartier utiliza, como exemplo, a representação de um rei medieval que pode assumir duas características e dois corpos distintos: A primeira é a física, enquanto pessoa viva que se converte em imagem e é incorporada a um corpo histórico, metafísico, que, embora inexista após a morte real, permanece viva nas construções artísticas e literárias. E a segunda é o corpo simbólico que permanece no imaginário e se converte enquanto ideal e vislumbre de uma imagem projetada do rei, e que, dessa forma, não se mantém apenas como representação de si mesmo, mas são atribuídos a ele representações e significados que o tornam objeto de transmissão da essência/natureza de si mesmo, mas também do povo pelo qual é responsável e que se demonstra fiel aos ideais que seu corpo simbólico transmite. Deste modo, o autor considera que a representação é um dispositivo, pelo qual os autores ou artistas desejavam fazer a descrição de um personagem histórico, real e/ou simbólico, que se associa a ideais e qualidades compartilhados pela comunidade que representa. Desse modo, podemos considerar que os personagens de Procópio são ao mesmo tempo uma representação do personagem que descreve, como também uma representação das qualidades do povo de que esses personagens fazem parte ou ao qual estão associados.

Antes da primeira carta enviada de Justiniano para Gelimero em maio de 530, Procópio faz uma apresentação inicial sobre Gelimero, e nos revela uma *persona* de grande habilidade militar, mas bastante ardiloso e oportunista, e principalmente como um invejoso do poder régio de Hilderico, que foi considerado demasiadamente próximo do imperador Justino I:

“ὄς τὰ μὲν πολέμια ἐδόκει τῶν καθ’ αὐτὸν ἄριστος εἶναι, ἄλλως δὲ δεινός τε ἦν καὶ κακοήθης καὶ πράγμασί τε νεωτέροις καὶ χρήμασιν ἐπιτίθεσθαι ἄλλοτρίοις ἐξεπιστάμενος”⁹.

“Este homem (Gelimero) foi considerado o melhor guerreiro de seu tempo, embora, por outro lado, fosse inflexível, mal-humorado e completamente hábil na arte de incitar revoltas e de se apoderar das riquezas alheias”.

No entanto, Hilderico é tido como um governante fraco, tanto no aspecto militar (política externa), quanto no religioso (política interna). E ainda destaca que Hilderico era inábil como guerreiro e também como diplomata:

“ὄς τὰ μὲν ἐς τοὺς ὑπηκόους εὐπρόσοδός τε ἦν καὶ ὄλως πρᾶος, καὶ οὔτε Χριστιανοῖς οὔτε τῷ ἄλλῳ χαλεπὸς ἐγεγόνει, τὰ δὲ ἐς τὸν πόλεμον μαλθακός τε λίαν καὶ οὐδὲ ἄχρι ἐς τὰ ὄψα τὸ πρᾶγμά οἱ τοῦτο ἐθέλων ἰέναι”¹⁰.

“Ele, por outro lado, era acessível aos seus súditos e era bastante gentil, e ainda não era rude nem com os cristãos, nem com ninguém, mas, por outro lado, na guerra era muito fraco e nem queria ouvir sobre isso”.

Deste modo, Procópio nos apresenta que seu sobrinho Hoamero havia assumido espontaneamente os exércitos para a defesa das fronteiras do Reino Vândalo, que estava sendo percebido como um reino fraco devido ao seu governante.

Procópio, aliás, considera que os vândalos só não haviam sido atacados por forças externas, como os ostrogodos, devido à proximidade do rei vândalo Hilderico com Justino I e com Justiniano (antes de ser imperador), e que, devido ao poder e influência do Império, esses povos se mantiveram pacificados.

⁹ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, Trad. Henry Bronson Dewing. London; New York: William Heinemann; G. P. Putnam's Sons, 1916, p. 84; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*. Trad. H. B. Dewing; Revised and modernized, with an introduction and notes by Anthony Kaldellis. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, 2014, p. 164.

¹⁰ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 82; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 164.

“Ἰλδέριχος δὲ φίλος ἐς τὰ μάλιστα Ἰουστινιανῶ καὶ ξένος ἐγένετο, οὕπῳ μὲν ἦκοντι ἐς βασιλείαν, διοικουμένων δὲ αὐτὴν κατ’ ἐξουσίαν, ἐπεὶ οἱ ὁ θεῖος Ἰουστῖνος ὑπέργηρώς τε ὦν ἐβασίλευε καὶ τῶν κατὰ τὴν πολιτείαν πραγμάτων οὐ παντελῶς ἔμπειρος. χρήμασί τε μεγάλοις ἀλλήλους ἐδωροῦντο”¹¹.

“Hilderico era amigo e aliado de Justiniano, que ainda não havia oficialmente assumido o poder, mas que já o administrava por sua própria vontade, já que seu tio, o imperador Justino, estava com a idade muito avançada e não tinha discernimento para lidar com questões políticas. Além disso, Hilderico e Justiniano presenteavam um ao outro com grandes riquezas”.

Observamos, assim, que essa digressão em específico tem como característica associar a ambição de Gelimero, a inabilidade de Hilderico, e ao mesmo tempo evidenciar as motivações de Justiniano para o envio de uma embaixada aos vândalos, e posteriormente, para o envio dos exércitos de Belisário¹².

Deste modo, entre maio de 530 até meados de 531, Procópio nos revela 3 cartas trocadas entre o rei vândalo e o imperador do Oriente, sendo 2 cartas de Justiniano e 1 carta de Gelimero. Nas duas cartas de Justiniano, o imperador parece ter um tom moderado, principalmente na primeira carta, onde ele adverte Gelimero sobre a usurpação do trono de Hilderico. Enfatiza, ainda, que ele havia se tornado um tirano desnecessariamente, pois Hilderico estava com idade avançada, e que ele seria o próximo na linha de sucessão.

“μήτε οὖν ἐργάση περαιτέρω κακὸν μήτε τοῦ βασιλέως ὀνόματος ἀνταλλάξῃ τὴν τοῦ τυράννου προσηγορίαν, βραχεῖ προτερεύουσιν χρόνῳ. ἀλλὰ τοῦτον μὲν, ἄνδρα ὅσον οὕπῳ τεθνηξόμενον, ἕα φέρεσθαι τῷ λόγῳ τὴν τῆς βασιλείας εἰκόνα, σὺ δὲ ἅπαντα πράττε ὅσα βασιλέα πράττειν εἰκός: προσδέχου τε ἀπὸ τοῦ χρόνου καὶ τοῦ Γιζερίχου νόμον μόνον λαβεῖν τὸ τοῦ πράγματος ὄνομα. ταῦτα γὰρ σοι ποιοῦντι τά τε ἀπὸ τοῦ κρείττονος εὐμενῆ ἔσται καὶ τὰ παρ’ ἡμῶν φίλια”¹³.

“Não cometa mais nenhum erro e não troque o título de rei, que logo será seu, pelo de um tirano. E quanto a esse homem (Hilderico), cuja morte pode ser esperada a qualquer momento, devolva a ele as insígnias do poder real, e quanto a você, faça o que é esperado de um rei e espere receber o título apenas do

¹¹ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 84; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 164.

¹² KALDELLIS, Anthony – *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004; BRODKA, Dariusz – “Prokop von Kaisareia”, pp. 108-114; COLVIN, Ian – “Reporting Battles”; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*.

¹³ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 86; JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS - *The Wars of Justinian*, p. 165.

tempo e da lei de Genserico, e somente deles. Se você fizer isso, obterá a benevolência de Deus e a nossa amizade”.

Nesta carta Justiniano adota um tom bastante moderado, e até mesmo com aspecto pacifista, no entanto, o imperador parece desconsiderar possíveis conflitos de sucessão dinástica entre os vândalos, ao evidenciar que a lei de Genserico deveria se sobrepor às vontades imediatas de Gelimero.

Assim, Justiniano foi descrito na *História das Guerras* como um visionário, que estava consciente de que a justiça deveria imperar contra a injustiça praticada a um governante legítimo e leal ao Império. Aliás, a perspectiva de apresentar Justiniano como um governante que esteve disposto a evitar a guerra, através da restauração da honra e do governo de Hilderico, era demonstrada como um fator determinante para que Justiniano obtivesse o apoio de parte do Senado, que era contrário ao envio de tropas romanas à África Vândala.

Nesse sentido, Andrew H. Merrills nos ajuda a construir um panorama sobre o que seriam a lei e os decretos de Genserico mencionados por Justiniano, já que apresenta que o rei vândalo Genserico, pouco antes de sua morte em 477, promulgou uma lei que definia a primogenitura agnática como princípio de sucessão régia, isto é, “o governo do homem sobrevivente mais velho da dinastia reinante”¹⁴. Dessa forma, como ele nos indica, Justiniano havia sido descrito por Procópio como um defensor da lei de Genserico.

É interessante observar que Hilderico havia sido celebrado em panegíricos escritos durante seu reinado, entre 523-530, nos quais sua ascendência romana é glorificada. É possível que Hilderico desejasse se dissociar da sua herança vândala-bárbara e reivindicar sua ancestralidade materna romana-civilizada. A figura abaixo nos ajuda a compreender essa dualidade identitária.

¹⁴ MERRILLS, Andrew H. – “The secret of my succession: dynasty and crisis in Vandal North Africa”. *Early Medieval Europe*, 18:2 (2010), p. 136.

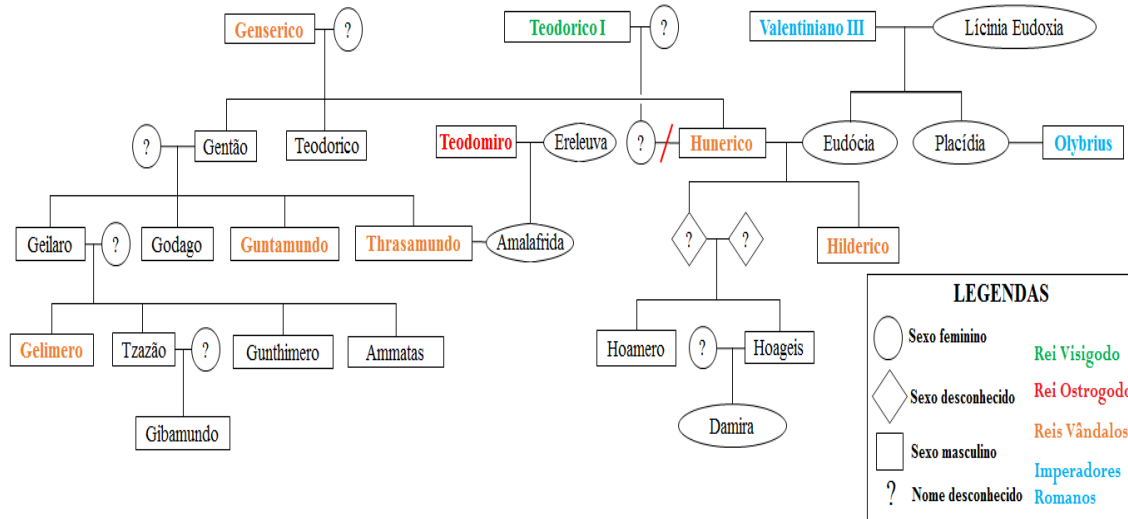


Figura 1 – Genealogia do Reino Vândalo e suas associações dinásticas.

Fonte: ROSOLEN JUNIOR, Geraldo – “Os reinados de Hilderico e Gelimer através da iconografia vândala no Norte da África (século VI)”. In GATT, Pablo; CARNIEL, Joana Scherrer (Org.) – *Estudos em Medievalismo: Sociedade, poder e cultura*. Vilha Velha: Laboratório de Estudos Tardo Antigos e Medievais Ibéricos e Sefaradis, 2021, p. 113.

Dessa forma, se associarmos essa genealogia à literatura do período, vemos que em um panegírico dedicado a Hilderico por um poeta anônimo, o lado romano-materno de sua família foi exaltado, associando o rei vândalo à dinastia teodosiana, aclamando sua linhagem imperial.

*“Vandalirice potens, gemini diadematis heres.
Ornasti proprium per facta ingentia nomen.
Belligeras acies domuit Theodosius ultor.
Captivas facili reddens certamine gentes.
Aduersos placidis subiecit Honorius armis,
Cuius prosperitas melior fortissima fecit.
Ampla Valentiniani uirtus cognita mundo.
Hostibus addictis ostenditur arce nepotis”¹⁵.*

“Poderoso rei dos vândalos, herdeiro de uma coroa dupla
Você adornou seu próprio nome com seus grandes feitos notáveis
Teodósio, o vingador, conquistou os exércitos [inimigos]
Rendeu e aprisionou com facilidade os bárbaros

¹⁵ ANTHOLOGIA LATINA – “Sive poesis latinae svpplementvm”. In RIESE, Alexander (ed.) – *Carmina in codicibvs scripta: Pars prior*. Lipsiae: Aedibvs B. G. Tevbnri, 1869, p. 154.

Honório subordinou seus inimigos com armas pacíficas
que foi o sucesso mais valioso e poderoso feito por ele
A virtude de Valentiniano foi reconhecida em todo o mundo
com seus inimigos escravizados, seu neto se mostra invulnerável”.

Fica nítido, para nós, que os romanos o reconheciam como um descendente direto de Teodósio. Merrills¹⁶ ainda considera que a representação de Hilderico como um governante de uma coroa dupla (*gemini diadematis heres*) demonstra uma tentativa de unificação das coroas do Reino Vândalo ao Império Romano no Oriente. Logo, a *História das Guerras* de Procópio encontra eco na tradição poética e manuscrita secular romana, que também legitimava a ancestralidade de Hilderico como um nobre romano, em detrimento de sua origem bárbara.

Portanto, para Rodolfi, quando Procópio refere as relações diplomáticas entre o Reino Vândalo e o Império do Oriente através da ‘amizade’, ele colabora para manter a honra romana¹⁷. Como considera Yves Modéran:

“Mas essa independência também foi disfarçada, reconvertida em uma categoria jurídica clássica, a do protetorado, materializada por tratados de amizade e aliança. Isso salvou a honra romana e ajudou a lidar com o futuro, mas de uma forma puramente formal”¹⁸.

Deste modo, preservar a autonomia do Reinado Vândalo sobre as províncias africanas e intervir militarmente na África através de uma justificativa pautada na herança de Genserico, mantinha a dignidade romana, que se acreditava estar regularizada na legitimidade de Hilderico sobre a herança de seus avós. Isto é, havia a compreensão de que os vândalos haviam conquistado um direito legal de possuírem e de estarem naqueles territórios, e que não necessariamente expressava ou considerava uma derrota ou perda de territórios do Império para esse povo.

¹⁶ MERRILLS, Andrew H. – “The secret of my succession”.

¹⁷ RODOLFI, Alessandra – “Procopius and the Vandals: How the Byzantine propaganda constructs and changes African identity”. In BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (eds.) – *Das reich der Vandalen und seine (Vor-)Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008, pp. 233-242.

¹⁸ MODÉRAN, Yves – “L'établissement territorial des vandales en Afrique”. *Antiquité Tardive* 10 (2002), p. 94.

Yves Modéran ainda considerou que os vândalos haviam sido reconhecidos nos termos *socius et amicus*, mas isso não necessariamente significava que o Império reconhecia a soberania vândala. O termo poderia se adaptar aos discursos do imperador Justiniano conforme desejasse, fosse em relação a compreender o Reino Vândalo como um estado-cliente subordinado ao imperador, ou ainda, como já demonstrado, um Reino que havia conquistado seu direito de governar através da herança de Valentiniano III, que colocava os reis vândalos (Hunerico e Hilderico) como membros da Dinastia Teodosiana e, portanto, a usurpação de Gelimero ao trono de Hilderico deveria ser avaliada como uma ameaça ao próprio Império Romano no Oriente. De uma forma ou de outra, Justiniano havia conseguido justificar a necessidade de suas campanhas contra os vândalos, ao mesmo tempo que mantinha a dignidade romana¹⁹.

Frank Clover²⁰ demonstra que, em Merobaudes, encontramos o primeiro registro de um romano que reconheceu os vândalos nos termos de *socius* (aliado) em 443, pouco após o tratado de paz entre vândalos e romanos em 442. E estabelece que Merobaudes havia sido uma fonte importante para Procópio, que atualizou os termos latinos *socius et amicus* para o grego: “φίλω τε καὶ ξυμμάχῳ”²¹.

Jonathan Conant²² também revela que Procópio havia utilizado os termos ‘amigo e aliado’, não apenas para descrever a relação de Genserico com a família de Valentiniano, mas também como referência para descrever as relações diplomáticas que se seguiram nos reinados posteriores até Hilderico, que também foi tratado nos mesmos termos: “Hilderico era um amigo próximo (ξένος) e aliado de Justiniano”²³.

¹⁹ BALTRUSCH, Ernst; WILKER, Julia – “*Amici - socii - clientes? Abhängige Herrschaft im Imperium Romanum*”. In BALTRUSCH, Ernst; WILKER, Julia. (eds.) – *Amici - socii - clientes? Abhängige Herrschaft im Imperium Romanum*. Berlin: Edition Topoi, 2015; MODÉRAN, Yves – “L'établissement territorial des vandales en Afrique.”

²⁰ CLOVER, Frank M. – “Flavius Merobaudes: A translation and Historical Commentary”. *Transactions of the American Philosophical Society* 61:1 (1971), pp. 1-78.

²¹ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV - The Vandalic War*, p. 46.

²² CONANT, Jonathan – *Staying Roman: Conquest and Identity in Africa and the Mediterranean, 439-700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

²³ “Ιλδέριχος δὲ φίλος ἐς τὰ μάλιστα Ἰουστινιανῶ καὶ ξένος ἐγένετο” PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV - The Vandalic War*, p. 84; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 164;

Procópio apresenta ainda Gelimero como um usurpador ilegítimo, a fim de justificar as campanhas dos exércitos imperiais na África. É possível encontrar evidências em seu texto de que, em verdade, o novo rei havia sido eleito entre a aristocracia vândala, por ser considerado apto a reivindicar novamente a soberania do Reino Vândalo.

“ἀλλὰ Βανδίλων ἐταιρισάμενος εἶ τι ἄριστον ἦν, ἀναπείθει ἀφελέσθαι μὲν Ἰλδέριχον τὴν βασιλείαν, ὡς ἀπόλεμόν τε καὶ ἡσσημένον πρὸς Μαυρουσίων, καὶ Ἰουστίνῳ βασιλεῖ καταπροδιδόντα τὸ τῶν Βανδίλων κράτος, ὡς μὴ ἐς αὐτὸν ἐκ τῆς ἄλλης οἰκίας ὄντα ἢ βασιλεία ἦκοι: τοῦτο γάρ οἱ βούλεσθαι τὴν ἐς Βυζάντιον πρεσβείαν διέβαλλεν, αὐτῷ δὲ παραδιδόναι τὸ Βανδίλων κράτος. οἱ δὲ ἀναπεισθέντες κατὰ ταῦτα ἐποίουν”²⁴.

“associando-se a todos os nobres vândalos, ele os persuadiu a tirar Hilderico do poder, alegando que ele era um rei que não servia para a guerra, que havia sido derrotado pelos mouros e que havia os traído ao entregar o poder dos vândalos para o imperador Justino, para que ele (Gelimero) não viesse a se tornar rei, porque era de outro ramo da família; alegando caluniosamente que o objetivo da embaixada de Hilderico a Constantinopla é que ele estaria entregando a soberania dos vândalos para Justino. Convencidos, agiram de acordo”.

A questão sobre as relações de Hilderico com os imperadores no Oriente é tão importante para Gelimero e a nobreza vândala, que a primeira carta de Justiniano a Gelimero marca uma virada diplomática e um momento crucial para a ascensão das hostilidades entre vândalos e romanos. A carta parece ter sido interpretada como a prova que restava para que Hilderico fosse exposto como um traidor, e que estava decidido a conspirar contra Gelimero para que seus sobrinhos Hoamero e Hoageis, e não ele, o sucedessem no trono.

Deste modo, a primeira carta não obteve uma resposta formal, mas prática, já que Hoamero foi cegado, o que nos evidencia que ele era percebido por Gelimero como

²⁴ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV - The Vandalic War*, pp. 84-86; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 164.

a principal ameaça para seu reinado, devido à liderança que exercia sobre os exércitos de Hilderico. Já Hilderico e Hoageis foram mantidos em cárcere:

“Γελίμερ δὲ τοὺς πρέσβεις ἀπράκτους ἀπέπεμψε, καὶ τὸν τε Ὀάμερα ἐξετύφλωσε τὸν τε Ἰλδέριχον καὶ Εὐαγέην ἐν μείζονι φυλακῇ ἐποίησατο, ἐπικαλέσας φυγὴν ἐς Βυζάντιον μελετᾶν”²⁵.

“Gelimero expulsou os embaixadores sem nenhum acordo, ele cegou Hoamero e manteve Hilderico e Hoageis em um confinamento severo, acusando-os de tentarem fugir para Constantinopla”.

Procópio afirma que o rei vândalo não estava disposto a negociar com seu conspirador Justiniano.

Logo, após receber as notícias dos acontecimentos descritos acima, Justiniano eleva seu tom de agressividade, e exige a Gelimero o envio da família de Hilderico (incluindo Hoamero e Hoageis) para Constantinopla como requisito para manter o tratado de paz. No entanto, nessa carta Justiniano já expressava uma justificativa para fazer guerra contra os vândalos, baseando-se não na conquista, mas na vingança sobre a humilhação de Hilderico e seus familiares, conforme vemos na citação abaixo.

“Ἰλδέριχόν τε καὶ Ὀάμερα τὸν πηρὸν καὶ τούτου τὸν ἀδελφὸν ὡς ἡμᾶς πέμπε, παραψυχὴν ἔχοντας ἢν ἔχειν εἰσὶ δυνατοὶ ὅσοι τὴν βασιλείαν ἢ τὴν ὄψιν ἀφήρηται: ὡς οὐκ ἐπιτρέφομέν γε, ἢν μὴ ταῦτα ποιῆς. ἐνάγει γὰρ ἡμᾶς ἡ ἐλπίς ἢν εἰς τὴν ἡμετέραν φιλίαν ἔσχον. αἶ τε σπονδαὶ ἡμῖν αἰ πρὸς Γιζέριχον ἐκποδῶν στήσονται. τῷ γὰρ ἐκδεξαμένῳ τὴν ἐκείνου βασιλείαν ἐρχόμεθα οὐ πολεμήσοντες, ἀλλὰ τὰ δυνατὰ τιμωρήσοντες”²⁶.

“nos envie Hilderico e Hoamero, que você cegou, e também o irmão dele, para receberem o consolo que puderem depois de terem sido privados de seu reino

²⁵ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 88; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 165.

²⁶ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 88; JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 165.

ou de sua visão. Não iremos ceder até que você faça isso, porque nossa motivação é a esperança de mantermos nossa amizade. O tratado de Genserico não nos impedirá. Pois, não iremos fazer guerra àquele que o sucedeu no trono, mas para vingá-lo com todas as nossas forças”.

Tendo sido ameaçado pelo imperador no Oriente pela segunda vez, em meados de 531, o rei vândalo Gelimero expõe que sua sucessão ao trono régio, havia sido realizada dentro dos termos legais, já que, nesse caso, ele avalia que Hilderico tendo herança e atitudes que, como vimos, privilegiavam sua ancestralidade romana, não poderia ser reconhecido como vândalo, ou mesmo como descendente de Genserico, portanto, não deveria ser considerado membro de sua família. Logo, o verdadeiro usurpador era Hilderico, que assumiu o trono, mesmo sendo considerado inapto para isso, conforme observamos em resposta de Gelimero a Justiniano:

“Βασιλεὺς Γελίμερ Ἰουστινιανῶ βασιλεῖ. οὐτε βία τὴν ἀρχὴν ἔλαβον οὔτε τί μοι ἀνόσιον ἐς ξυγγενεῖς τοὺς ἐμοὺς εἴργασται. Ἰλδέριχον γὰρ νεώτερα πράσσοντα ἐς οἶκον τὸν Γιζερίχου καθεῖλε τὸ τῶν Βανδύλων ἔθνος: ἐμὲ δὲ ὁ χρόνος ἐς τὴν βασιλείαν ἐκάλεσε, κατὰ γε τὸν νόμον τὰ πρεσβεῖα διδούς”²⁷.

“Rei Gelimero ao imperador Justiniano. Não conquistei o poder pela força, nem fiz nada profano contra meus parentes, foi o povo vândalo que destronou Hilderico, por suas conspirações contra a casa de Genserico. Quanto a mim, fui escolhido para ser rei pela minha idade, que me garantiu a primazia, de acordo com a lei”.

Andrew Merrills²⁸ nos apresenta que a sucessão de Gelimero havia sido fácil e sem uma oposição generalizada. O que nos indica que, de fato, Gelimero havia sido eleito para assumir o trono vândalo, pois seu próprio povo considerava Hilderico como um traidor que colocaria a soberania dos vândalos em risco.

Aliás, essa questão é explícita na carta de Gelimero, que adverte o imperador para que deixe de se intrometer em assuntos alheios à sua governança, e ainda considera

²⁷ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 88; GELIMER *apud* PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 165.

²⁸ MERRILLS, Andrew H. - "The secret of my succession".

que Justiniano não seria um governante digno se rompesse com as promessas de seus antecessores, pois ao quebrá-las deveria ser reconhecido como um reinante ilegítimo. Já que, não podendo cumprir com o tratado de Zenão, Justiniano negligenciaria o passado e a própria linhagem imperial que se sucedeu até seu governo, características que haviam mantido a honra de seu povo, e sua própria legitimidade como imperador, pois estaria questionando a decisão de seus antecessores em manter a paz.

“τὴν δὲ ὑπάρχουσαν ἡγεμονίαν αὐτόν τινα διοικεῖσθαι καλὸν καὶ μὴ ἀλλοτρίας οἰκιοῦσθαι φροντίδας. ὥστε καὶ σοὶ βασιλείαν [p. 90] ἔχοντι τὸ περιέργῳ εἶναι οὐ δίκαιον: λύνοντι δὲ σοὶ τὰς σπονδὰς καὶ ἐφ’ ἡμᾶς ἰόντι ἀπαντήσομεν ὅση δύναμις, μαρτυρόμενοι τοὺς ὄρκους τοὺς Ζήνωνι ὁμωμοσμένους, οὗ τὴν βασιλείαν παραλαβῶν”²⁹.

“seria bom se você administrasse o poder que lhe pertence, e não se preocupar com o dos outros. Pois, não é justo que você, que tem um império, se intrometa em assuntos alheios. E se você quebrar o tratado e vier contra nós, nós o enfrentaremos com todas as nossas forças, colocando como testemunha os juramentos prestados por Zenão, de quem você recebeu o poder imperial que agora desfruta”.

Entretanto, fica nítido que Procópio havia utilizado o aumento de tensões entre o Reino Vândalo e o Império Romano do Oriente como um ‘bode expiatório’ para o fracasso das campanhas contra o Império Persa, e julga que a carta de Gelimer havia sido o principal motivo para selar a paz com os persas, na tentativa de reorganizar os exércitos para a futura campanha contra os vândalos na África do Norte, o que demonstra que o Império não tinha capacidade militar e financeira para sustentar a guerra em duas frentes de batalha³⁰.

²⁹ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV - The Vandalic War*, pp. 88-90; GELIMER *apud* PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, pp. 165-166.

³⁰ PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 166; BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos; BOY, Renato Viana – “A construção de uma narrativa: Os olhares de Procópio de Cesareia sobre as guerras de Justiniano”. *Revista de Teoria da História* 13 (2015), pp. 125-141; LEE, A. D. – “The Empire at War”. In MAAS, Michael (ed.) – *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 113-133.

A narrativa de Procópio modela a memória de Genserico, que toma diversos contornos, de um lado ela é evocada por Justiniano para demonstrar como Genserico era leal ao Império, e a principal característica suscitada por ele é a de pacificador. Como vimos, em sua primeira carta a Gelimero, Justiniano afirma que o rei vândalo deveria agir de maneira santa, isto é, seguir os decretos de Genserico e, assim como seu bisavô, conquistar seu direito não pelas armas, mas a partir de prerrogativas legais e com base na civilidade: “Se você fizer isso, obterá a benevolência de Deus e a nossa amizade”³¹.

George Philip Baker interpreta a carta de Justiniano como uma tentativa de o imperador enfatizar que as ações de Gelimero não eram aceitáveis, nem para a linhagem bárbara e nem para a estirpe civilizada da família de Genserico,

“nem os costumes universais da humanidade civilizada, nem as disposições particulares das determinações testamentárias de Genserico justificavam a prisão e a usurpação violenta de um velho que era legalmente o rei dos vândalos”³².

Aqui, portanto, a violência passa a ser representativa da barbárie, enquanto o respeito a um sistema legal indica a valorização dos ideais civilizatórios romanos, aos quais, de acordo com Justiniano, Genserico estava submetido, mas não Gelimero. Em seu contraponto, Gelimero compreende a memória de Genserico como oposta aos padrões civilizatórios romanos, como forma de atestar a representação de Genserico como um conquistador imponente e astuto, que através das armas tornou o Reino Vândalo um poder soberano, capaz de desafiar o Império Romano, conforme já visto anteriormente³³. Nesse ponto, observamos que a carta do rei vândalo tentava enfatizar que o Reino Vândalo não deveria estar submetido a autoridade imperial, como os termos ‘amigo e aliado’ (*socius et amicus*/φίλος τε καὶ ξύμμαχος),

³¹ “ταῦτα γὰρ σοι ποιῶντι τὰ τε ἀπὸ τοῦ κρείττονος εὐμενῆ ἔσται καὶ τὰ παρ’ ἡμῶν φίλια” PROCOPIOUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 86; JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 165.

³² BAKER, George Philip – *Justinian: The last Roman Emperor*. New York: Cooper Square Press, 2002, p. 75.

³³ GELIMER *apud* PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 166.

que implicitamente se referiam aos estados-clientes, conforme os autores Modéran³⁴, Baltrusch e Wilker³⁵ consideraram.

Neste contexto, como sugere Rodolfi, era necessário manipular a memória de Genserico para demonstrar um passado onde haviam sido cultivadas boas relações diplomáticas entre vândalos e romanos. Nesse sentido, Gelimero é considerado por Procópio como sendo um rei subversivo aos ideais de seus antecessores que mantiveram a paz com o Império Romano. Assim, Justiniano é apresentado por ele, não apenas como um amigo pessoal de Hilderico, mas também como um restaurador da lei e ordem sucessória estabelecida pelo próprio Genserico³⁶.

Deste modo, dois aristocratas vândalos, Goda e Pudêncio, ganham destaque na narrativa de Procópio com o objetivo de demonstrar que as atitudes de Justiniano eram apoiadas e tinham legitimidade entre os vândalos, e por isso, haviam buscado apoio do imperador para retaliar o rei Gelimero. Portanto, é possível considerar que Genserico era a parte civilizada da estirpe vândala, enquanto as atitudes de Gelimero demonstravam sua contraparte bárbara e cruel de seu povo³⁷.

Porém, o caso de Goda é mais expressivo para nós. Sendo descrito inicialmente por Procópio como um escravo³⁸ de Gelimero: “Havia um certo Goda entre os escravos de Gelimero [...] Gelimero confiou a ilha da Sardenha a este Goda, para sua proteção e para coletar o tributo anual”³⁹. A palavra ‘escravo de Gelimero’: “Γελίμερος δοῦλος”⁴⁰, no entanto, parece fazer mais sentido se considerado o uso retórico de Procópio, com o objetivo de descrever a grande lealdade de Goda a Gelimero, já que

³⁴ MODÉRAN, Yves – “L'établissement territorial des vandales en Afrique”.

³⁵ BALTRUSCH, Ernst; WILKER, Julia – “Amici - socii - clientes?”.

³⁶ MERRILLS, Andrew H. – “The secret of my succession”; RODOLFI, Alessandra – “Procopius and the Vandals”

³⁷ MERRILLS, Andrew H. – “The secret of my succession”; RODOLFI, Alessandra – “Procopius and the Vandals”.

³⁸ A tradução de Kaldellis, PROKOPIUS - *The Wars of Justinian* e José Rubio PROCOPIO DE CESAREA – *Historia de las guerras: Libros III-IV Guerra Vándala*. Trad. José Antonio Flores Rubio. 1ª ed.; 1ª reimpr. Madrid: Editorial Gredos, 2006. trazem a mesma palavra ‘escravo’, para descrever a grande lealdade de Goda a Gelimero.

³⁹ “Γώδας τις ἦν ἐν τοῖς Γελίμερος δούλοις [...] τούτῳ τῷ Γώδα ὁ Γελίμερ Σαρδῶ τὴν νῆσον ἐπέτρεψε, φυλακῆς τε ἔνεκα καὶ φόρον τὸν ἐπέτειον ἀποφέρειν” PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 98; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 168.

⁴⁰ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 98.

suas funções correspondem mais com o posto de aristocrata, e governante da Sardenha (subordinado a Gelimero), do que um escravo (δοῦλος).

Como Sousa sugere, os líderes bárbaros somente são representados positivamente quando são colocados ao lado de Justiniano, e favorecem as ambições pessoais do imperador⁴¹. Por isso, é possível que Procópio tenha representado Goda como um escravo de Gelimero, para depois representá-lo como tendo sido libertado por Justiniano, e como um liberto tanto da barbárie, quanto da influência maléfica do rei vândalo. Essa libertação é bastante representativa quando observamos uma tomada de consciência de Goda pelas ações do rei vândalo, e também por não desejar se tornar cúmplice desses atos.

No entanto, ainda que o personagem de Goda represente um bárbaro que ascendeu a razão, as ações de Goda, assim como sua carta a Justiniano, podem expor, para nós, que havia uma parte da aristocracia vândala preocupada, não especificamente com a sucessão de Gelimero, mas com a violência comandada pelo rei vândalo aos seus familiares após receber a carta de Justiniano em 530.

Aliás, em meados de 532⁴², em carta destinada a Justiniano, Goda apresenta que somente traiu Gelimero por causa da violência desproporcional operada pelo rei vândalo.

“Οὔτε ἀγνωμοσύνη εἴκων οὔτε τι ἄχαρι πρὸς δεσπότην παθὼν τοῦ ἐμοῦ εἰς ἀπόστασιν εἶδον, ἀλλὰ τάνδρὸς ἰδὼν τὴν ὀμότητα ἰσχυρὰν οἶαν εἶς τε τὸ ξυγγενὲς καὶ ὑπήκοον μετέχειν τῆς ἀπανθρωπίας οὐκ ἂν δόξαιμι ἐκὼν γε εἶναι”⁴³.

“Não foi porque cedi à loucura, nem por ter sofrido qualquer ato desagradável nas mãos de meu senhor que me rebelei, mas vendo a crueldade desse homem

⁴¹ SOUSA, Stephanie Martins de – “Procópio de Cesareia e a construção dos retratos imperiais na obra ‘História das Guerras’”. *Revista de Estudos sobre a Antiguidade Phaine* 1:2 (2017), pp. 42-49.

⁴² RUBIO, José Antonio Flores (trad.) – *Procopio de Cesarea - Historia de las guerras: Libros III-IV Guerra Vándala*. 1ª ed.; 1ª reimpr. Madrid: Editorial Gredos, 2006, p. 129.

⁴³ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 100; GODA *apud* PROKOPIOS - *The Wars of Justinian*, p. 168.

contra seus parentes e súditos, não estava disposto a ser visto como alguém que apoiou esses atos desumanos”.

O nobre vândalo ainda expressa sua indignação acerca da inconstitucionalidade das ações de seu rei contra os seus familiares, nomeando-o como um tirano, que não media esforços contra seus opositores: “é preferível servir a um rei justo do que a um tirano que dá ordens em desacordo com a lei”⁴⁴. Deste modo, percebendo a crescente hostilidade entre romanos e vândalos, Goda se posicionou em favor de Justiniano, oferecendo um ponto de apoio no Mediterrâneo para os exércitos de Justiniano na guerra contra os vândalos, e em troca, o imperador deveria ajudar a estabelecer um reino independente na Sardenha.

Fato que, como vemos, é atestado por Alberto Trivero Rivera, ao analisar a cunhagem de moedas feitas em nome de Goda, inicialmente entre 530 e 531⁴⁵. As moedas com seu nome eram legendadas como: *[G]VBER[NATOR] CVDA*, o que nos indica não apenas a proeminência e a importância da Sardenha, que tinha recursos próprios para cunhar suas moedas, como também demonstram o grande privilégio e posição social que Goda ocupava na ilha, de tal forma que apenas o governante da Sardenha e o rei vândalo tinham moedas cunhadas em seus nomes.

⁴⁴ “ἄμεινον γὰρ βασιλεῖ δικαίῳ ὑπηρετεῖν ἢ τυράννῳ τὰ οὐκ ἔννομα ἐπαγγέλλοντι” PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 100; GODA *apud* PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, pp. 168-169.

⁴⁵ RIVERA, Alberto Trivero – “*Godas Rex. La amonedación del Reino de Godas*”. *Revista Numismática Hécate* 1 (2014), pp. 74-97.



Figura 2 - Moeda de Goda

Fonte: RIVERA, Alberto Trivero – “*Godas Rex. La amonedación del Reino de Godas*”. *Revista Numismática Hécate* 1 (2014), p. 97.

No entanto, Rivera nos aponta que, a partir da rebelião de Goda em 532, a cunhagem de moedas havia sofrido algumas transformações, a principal delas é a alteração do título de Goda, que surge como: *CVDA REX*, como vemos acima, no anverso da moeda, tipificada pelo autor como um *nummus*. Para nós, devido ao seu baixo valor e, portanto, de maior circulação, Goda desejava ser rapidamente reconhecido como rei pela população local da ilha. Contudo, os achados numismáticos do Reinado de Goda, encontrados apenas na Sardenha, revelam que elas não conseguiram atingir grande amplitude geográfica, como as moedas dos reis vândalos⁴⁶.

Dessa forma, ainda que nossas fontes sobre o Reinado de Goda na Sardenha estejam, hoje, resumidas aos relatos de Procópio e às moedas produzidas em seu nome, observamos que seu breve reinado teve uma grande importância para os planos de Justiniano na guerra contra os vândalos. A Sardenha seria uma ótima opção de

⁴⁶ RIVERA, Alberto Trivero – “*Godas Rex. La amonedación del Reino de Godas*”; REYNOLDS, Paul - “From Vandal Africa to Arab Ifrīqiya: Tracing Ceramic and Economic Trends through the Fifth to the Eleventh Centuries”. In STEVENS, Susan T.; CONANT, Jonathan P. (eds.) – *North Africa under Byzantium and Early Islam*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library, 2016, pp. 129-171; RUMMEL, Philipp von - “The Archaeology of the 5th Century Barbarians in North Africa”. In DELOGU, Paolo; GASPARRI, Stefano (eds.) – *Le trasformazioni del V secolo. L'Italia, i barbari e l'Occidente romano*. Brepols: Turnhout, 2010, pp. 157-181; RUMMEL, Philipp von - “The Transformation of Ancient Land- and Cityscapes in Early Medieval North Africa”. In STEVENS, Susan T.; CONANT, Jonathan P. (eds.) – *North Africa under Byzantium and Early Islam*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library, 2016, pp. 105-117.

paragem para os exércitos de Justiniano na impossibilidade de acessar a Sicília, pois a Sardenha poderia fornecer um importante ponto de apoio, tanto para conflitos iniciais, como também para uma guerra que se estendesse por um período mais longo.

Em carta entregue pelo imperador a Belisário para ser transmitida aos vândalos, Justiniano parece explorar a fragmentação da aristocracia vândala, que se seguiu da crise dinástica. Tendo apoiado Goda, o imperador parecer ter compreendido, através desse exemplo, que a sucessão de Gelimero ao trono não parece ter obtido consenso entre os nobres vândalos.

Deste modo, Justiniano tenta se colocar em oposição de Gelimero, que considera ter desrespeitado a lei de Genserico sobre a sucessão do trono real, para isso o imperador é apresentado como alguém que pretende reestabelecer o Reinado de Hilderico, e afirma que a presença dos exércitos não deveria ser compreendida como um rompimento da paz entre vândalos e romanos, já que ele lutava em favor da memória de Genserico, a fim de libertar seu povo da tirania.

“Οὔτε Βανδίλοις πολεμεῖν ἔγνωμεν οὔτε τὰς Γιζερίχου σπονδὰς λύομεν, ἀλλὰ τὸν ὑμέτερον τύραννον καθελεῖν ἐγχειροῦμεν, ὅς τῶν Γιζερίχου διαθηκῶν ὀλιγορήσας τὸν μὲν βασιλέα ὑμῶν καθείρξας τηρεῖ, τῶν δὲ αὐτοῦ συγγενῶν οὓς μὲν σφόδρα ἐμίσει κατ’ ἀρχὰς ἔκτεινε, τοὺς δὲ λοιποὺς τὰς ὄψεις ἀφελόμενος ἐν φυλακῇ ἔχει, οὐκ ἔων θανάτῳ καταλῦσαι τὰς συμφοράς. συλλάβεσθε τοίνυν ἡμῖν καὶ συνελυθεροῦτε ὑμᾶς αὐτοὺς οὕτω μοχθηρᾶς τυραννίδος, ὅπως ἂν δύνησθε τῆς τε εἰρήνης καὶ τῆς ἐλευθερίας ἀπόνασθαι. ταῦτα γὰρ ὑμῖν παρ’ ἡμῶν ἔσσεσθαι πρὸς τοῦ θεοῦ τὰ πιστὰ δίδομεν”⁴⁷.

“Não decidimos fazer guerra contra os vândalos, nem estamos rompendo o tratado com Genserico, mas sim tentando destronar seu tirano, que, desrespeitando a vontade de Genserico, prendeu seu rei e o mantém sob custódia e, por outro lado, todos os parentes do rei que ele odiava, a princípio foram mortos e o resto, depois de serem privados da visão, são mantidos presos,

⁴⁷ PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, pp. 46-148; JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 179.

não permitindo que acabem com seus infortúnios tirando as próprias vidas. Portanto, vocês devem unir forças conosco para, em conjunto, se libertarem dessa tirania perversa, para que possam desfrutar de paz e liberdade. Nós garantimos em nome de Deus que vocês obterão esses benefícios de nós”.

No entanto, observamos que inicialmente os habitantes da África Vândala são descritos e reconhecidos na carta de Justiniano como vândalos, e na tentativa de explorar a crise dinástica, o imperador busca forçar o rompimento dos laços de lealdade dos vândalos com seu novo rei Gelimero.

Como consequência, é preciso questionarmos se a carta entregue por Justiniano a Belisário para ser lida na presença de aristocratas vândalos era apenas um recurso retórico vazio, na qual suas ações seriam conduzidas independentemente do posicionamento assumido por Gelimero, cuja tentativa era somente justificar as crescentes hostilidades contra os vândalos, e a posterior reconquista dos territórios romanos ocupados. Ou se essa possibilidade da reconquista teria sido apenas um objetivo repentino e oportuno de Belisário, em decorrência da facilidade de ocupação da África Vândala, como sugere Renato Boy⁴⁸.

Se considerarmos a primeira opção, é preciso reconsiderar o Reino Vândalo sob Hilderico (523-530) como um governo ‘fantoche’ de Justino I, e posteriormente de Justiniano. As conjunturas que, aqui, são expostas indicam como Hilderico havia seguido à risca os desejos dos imperadores no Oriente, como a utilização de simbolismos romanos, o rompimento de laços fraternos entre ostrogodos e vândalos, são algumas dessas questões que ajudam a apoiar essa hipótese. Logo, ainda que Hilderico se apresentasse como um governante vândalo (*rex vandalorum*), tal como é representado em suas moedas, isso não necessariamente impedia a compreensão de subordinação ao Império Romano, se apresentando mais como um governante romano das províncias africanas, do que como rei de um Reino independente da autoridade imperial, isto é, ser reconhecido como rei de um povo

⁴⁸ BOY, Renato Viana – *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: Da “queda de Roma” ao período de Justiniano*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Tese de doutoramento.

não exclui a possibilidade de ele ser igualmente representado como governante de um território.

Renato Viana Boy afirma que Procópio havia manipulado a titulação de *rex*, ao hierarquizá-la e colocá-la em contraste com o título de imperador, isto é, inferiorizando os reis bárbaros enquanto ressaltava a autoridade de Justiniano acima destes. Dessa forma, Procópio permitiria que os reis vândalos e os demais reis fossem idealizados em verossimilhança aos governadores provinciais. Mesmo que não houvesse tributações ou obrigações, ditas ‘provinciais’ para com os imperadores no Oriente⁴⁹.

Podemos encontrar evidências que, no *Corpus Juris Civilis*, Justiniano acrescenta ao seu nome e ao título de *imperator* todos os títulos reais presentes no Ocidente, conforme vemos: “César Flávio Justiniano, imperador dos Alamanos, Godos, Francos, Germânicos, Antes, Alanos, Vândalos [e] Africanos”⁵⁰. A partir de uma análise deste decreto, o primeiro a ser promulgado utilizando esses títulos, constatamos que o decreto é de meados de 533, quando os vândalos ainda não tinham sido derrotados pelas tropas de Belisário. A palavra latina *reciperet* aparece como referência de ação no presente do subjuntivo, e que pode indicar o tempo verbal no presente ou futuro, nunca no passado, veja-se: “Em muito pouco tempo, a África irá recuperar (*reciperet*) sua liberdade”⁵¹. Inclusive, mesmo não tendo notícias da conquista, no mesmo decreto Justiniano já havia nomeado Arquelau como Prefeito Pretoriano da África.

Isso nos indica que Justiniano desejava que as classes senatoriais em Constantinopla reconhecessem o envio das tropas de Belisário como uma delegação que deveria substituir o então governante da África, por outro escolhido pelo imperador. Esse decreto (*Corpus Juris Civilis*, 27.1) também foi responsável por dar instruções

⁴⁹ BOY, Renato Viana – *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica*.

⁵⁰ “*imperator Caesar Flavius Iustinianus Alamannicus Gotthicus Francicus Germanicus Anticus Alanicus Vvandalicus Africanus*” CORPUS JURIS CIVILIS – In *The codex of Justinian: A new annotated translation with Parallel Latin and Greek Text*. Trad. Justice Fred H. Blume. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, Liber Primus, 27.1, p. 314.

⁵¹ “*Africa per nos tam brevi tempore reciperet libertatem*” CORPUS JURIS CIVILIS – Liber Primus, 27.1, p. 314.

bastante específicas para Arquelau, de como ele deveria reorganizar (política e administrativamente) as províncias africanas, conforme a vontade do imperador.

Ana Maria de Oliveira acredita que a incorporação dos títulos régios ao título de imperador tinha “a finalidade de demonstrar a figura imperial romana como o governante de todos, adquiria uma conotação de soberano universal, na linha constantiniana, augusta e alexandrina”⁵². Segundo a autora, essa era uma forma de Justiniano se afirmar governante de todos os povos cristãos (heréticos ou não), como forma de competir contra o Império Persa.

Diante desse *tópos* retórico, Procópio corrobora com a subordinação dos vândalos às leis romanas, que permitiram e toleraram sua presença através da renovação das concessões de terras e, portanto, essa retórica tinha como objetivo demonstrar que o Reino Vândalo estava submetido à autoridade dos imperadores, que poderiam, se eles desejassem, promover a desapropriação das terras ocupadas pelos vândalos.

Deste modo, o rei vândalo parecia reivindicar sua soberania, ao concentrar suas preocupações com o reestabelecimento do Reinado de Hilderico, e, por isso, exigiu ao seu irmão Ammatas que Hilderico, seu sobrinho Hoageis⁵³ e todos aqueles leais ao rei deposto fossem imediatamente executados: “[Gelimero] ordenou por escrito a seu irmão Ammatas em Cartago que matasse Hilderico e todos os seus aliados, fosse por nascimento ou por qualquer outra circunstância”⁵⁴. Deste modo,

⁵² OLIVEIRA, Ana Maria – *Louvada seja a sagrada Basileía: Uma análise do governo de Justiniano, o Grande (527-565) a partir dos panegíricos de Paulo Silenciário e Procópio de Cesareia*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2020, Dissertação de mestrado, p. 56.

⁵³ Hoamero é citado como já estando morto, possivelmente em decorrência de complicações após ter sido cegado, já que a última menção a Hoamero faz referência a esse ato. (PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 165; p. 181). Christian Laes, ao fazer uma análise filológica da cegueira, observa que até meados do século VII uma pessoa somente era considerada cega (*caecus*), se ela tivesse perdido completamente a visão dos dois olhos. O autor considera ainda que a punição de cegar oponentes e rivais era uma prática comumente mencionada na historiografia romana, sendo principalmente associada a personagens cruéis, que tinham como objetivo causar um grande sofrimento e marginalização da pessoa que cegavam, sendo visto, muitas vezes, como um destino pior que a morte. LAES, Christian – *Disabilities and the disabled in the Roman World: A Social and Cultural History*. Cambridge; New York: University of Antwerp; Cambridge University Press, 2018.

⁵⁴ “γράφει πρὸς τὸν ἀδελφὸν Ἀμματᾶν ἐς Καρχηδόνα, Ἰλδέριχον μὲν καὶ ἄλλους, ὅσους εἶτε κατὰ γένος εἶτε ἄλλως αὐτῷ προσήκοντας ἐν φυλακῇ ἔχει, ἀποκτινύναι” PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV – The Vandalic War*, p. 152; PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*, p. 180.

observamos que Gelimero desejava arruinar aquilo que considerava ser o principal objetivo das campanhas de Justiniano, ao matar Hilderico e seus partidários.

Referências bibliográficas

Fontes

ANTHOLOGIA LATINA – “Sive poesis latinae svpplementvm”. In: RIESE, Alexander (ed.) – *Carmina in codicibvs scripta: Pars prior*. Lipsiae: Aedibvs B. G. Tevbneri, 1869.

CORPUS JURIS CIVILIS – *The codex of Justinian: A new annotated translation with Parallel Latin and Greek Text*. Trad. Justice Fred H. Blume. Cambridge University Press: Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

PROCOPIO DE CESAREA – *Historia de las guerras: Libros III-IV Guerra Vándala*. Trad. José Antonio Flores Rubio. 1ª ed.; 1ª reimpr. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

PROCOPIUS – *History of the Wars: Book III and IV - The Vandalic War*. Trad. Henry Bronson Dewing. London; New York: William Heinemann; G. P. Putnam's Sons, 1916.

PROKOPIOS – *The Wars of Justinian*. Translate: H. B. Dewing; Revised and modernized, with an introduction and notes by Anthony Kaldellis. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, 2014.

Estudos

BAKER, George Philip – *Justinian: The last Roman Emperor*. New York: Cooper Square Press, 2002.

BALTRUSCH, Ernst; WILKER, Julia – “*Amici - socii - clientes? Abhängige Herrschaft im Imperium Romanum*”. In BALTRUSCH, Ernst; WILKER, Julia. (eds.) – *Amici – socii - clientes? Abhängige Herrschaft im Imperium Romanum*. Berlin: Edition Topoi, 2015, pp. 7-17.

BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos; BOY, Renato Viana – “A construção de uma narrativa: Os olhares de Procópio de Cesareia sobre as guerras de Justiniano”. *Revista de Teoria da História* 13 (2015), pp. 125-143.

BOY, Renato Viana – *Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: Da “queda de Roma” ao período de Justiniano*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Tese de doutoramento.

BRODKA, Dariusz – “Prokop von Kaisareia und seine Informanten: Ein Identifikationsversuch”. *Historia* 65 (2016), pp. 108-124.

CHARTIER, Roger – “Defesa e ilustração da noção de representação”. *Fronteiras*, Vol. 13:24 (2011), pp. 15-29.

CLOVER, Frank M. – “Flavius Merobaudes: A translation and Historical Commentary”. *Transactions of the American Philosophical Society*, vol. 61:1 (1971), pp. 1-78.

COLVIN, Ian – “Reporting Battles and Understanding Campaigns in Procopius and Agathias: Classicizing Historians' Use of Archived Documents as Sources”. In SARANTIS, Alexander; CHRISTIE, Neil (eds.) – *War and Warfare in Late Antiquity*. Leiden; Boston: Brill, 2013, pp. 571-597.

CONANT, Jonathan – *Staying Roman: Conquest and Identity in Africa and the Mediterranean, 439-700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

KALDELLIS, Anthony – *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

LAES, Christian – *Disabilities and the disabled in the Roman World: A Social and Cultural History*. Cambridge; New York: University of Antwerp; Cambridge University Press, 2018.

LEE, A. D. – “The Empire at War”. In MAAS, Michael (ed.) – *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 113-133.

MERRILLS, Andrew H. – “The secret of my succession: dynasty and crisis in Vandal North Africa”. *Early Medieval Europe*, vol. 18:2 (2010), pp. 135-159.

MODÉLAN, Yves – “L’établissement territorial des vandales en Afrique”. *Antiquité Tardive* 10 (2002), pp. 87-122.

NEDELICU, Silviu-Constantin – “The Libraries in the Byzantine Empire (330-1453)”. *Annals of the University of Craiova for Journalism, Communication and Management* 2 (2016), pp. 74-92.

OLIVEIRA, Ana Maria – *Louvada seja a sagrada Basileia: Uma análise do governo de Justiniano, o Grande (527-565) a partir dos panegíricos de Paulo Silenciário e Procópio de Cesareia*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2020. Dissertação de mestrado.

REYNOLDS, Paul – “From Vandal Africa to Arab Ifrīqiya: Tracing Ceramic and Economic Trends through the Fifth to the Eleventh Centuries”. In STEVENS, Susan T.; CONANT, Jonathan P. (eds.) – *North Africa under Byzantium and Early Islam*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library, 2016, pp. 129-171.

RIVERA, Alberto Trivero – “Godas Rex. La amonedación del Reino de Godas”. *Revista Numismática Hécate* 1 (2014), pp. 74-97.

RODOLFI, Alessandra – “Procopius and the Vandals: How the Byzantine propaganda constructs and changes African identity”. In BERNDT, Guido M.; STEINACHER,

Roland (eds.) – *Das reich der Vandalen und seine (Vor-)Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008, pp. 233-242.

ROSOLEN JUNIOR, Geraldo – “Os reinados de Hilderico e Gelimero através da iconografia vândala no Norte da África (século VI)”. In GATT, Pablo; CARNIEL, Joana Scherrer. (Org.) – *Estudos em Medievalismo: Sociedade, poder e cultura*. Vila Velha: Laboratório de Estudos Tardo Antigos e Medievais Ibéricos e Sefaradis, 2021, pp. 111-128.

RUMMEL, Philipp von – “The Archaeology of the 5th Century Barbarians in North Africa”. In DELOGU, Paolo; GASPARRI, Stefano (eds.) – *Le trasformazioni del V secolo. L'Italia, i barbari e l'Occidente romano*. Brepols: Turnhout, 2010, pp. 157-181.

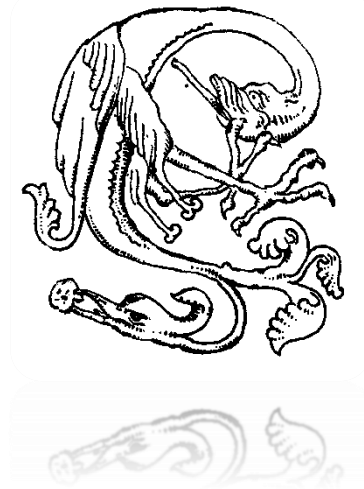
RUMMEL, Philipp von – “The Transformation of Ancient Land- and Cityscapes in Early Medieval North Africa”. In STEVENS, Susan T.; CONANT, Jonathan P. (eds.) – *North Africa under Byzantium and Early Islam*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library, 2016, pp. 105-117.

SOUSA, Stephanie Martins de – “Procópio de Cesareia e a construção dos retratos imperiais na obra ‘História das Guerras’”. *Revista de Estudos sobre a Antiguidade Phaine*, vol. 1:2 (2017), pp. 42-49.

WEHMEYER, Jeffrey M. – “The Chartophylax: Archivist and Librarian to the Patriarch in Constantinople”. *Libraries & Culture*, vol. 32:1 (1997), pp. 107-112.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

JUNIOR, Geraldo Rosolen – ““φίλος τε καὶ ξύμμαχος”: Reflexões sobre a troca de cartas entre Justiniano e Gelimero em Procópio de Cesareia”. *Medievalista* 34 (Julho – Dezembro 2023), pp. 373-401. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).